



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

QUEM DIRIA! MEU FILHO, UNIVERSITÁRIO. ISSO É COISA QUE EU SÓ VIA NA TV

Allan Silva de Araújo

117215073

Rio de Janeiro

2022

ALLAN SILVA DE ARAÚJO

QUEM DIRIA! MEU FILHO, UNIVERSITÁRIO. ISSO É COISA QUE EU SÓ VIA NA  
TV

Monografia submetida à Faculdade de  
Letras da Universidade Federal do Rio de  
Janeiro, como requisito parcial para  
obtenção do título de Licenciado em Letras  
na habilitação Português/Francês.

Orientadora: Prof. Dra. Maria Lucia Guimarães de Faria

RIO DE JANEIRO

2022

## CIP - Catalogação na Publicação

A663q Araújo, Allan Silva de  
QUEM DIRIA! MEU FILHO, UNIVERSITÁRIO. ISSO É  
COISA QUE EU SÓ VIA NA TV / Allan Silva de Araújo. -  
Rio de Janeiro, 2022.  
39 f.

Orientadora: Maria Lucia Guimarães de  
Faria. Trabalho de conclusão de curso  
(graduação) -  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade  
de Letras, Licenciado em Letras: Português -  
Francês, 2022.

1. Retirantes. 2. Nordeste. 3. Real e Ficção. 4.  
Análise Comparativa. 5. Literatura Brasileira. I.  
Faria, Maria Lucia Guimarães de, orient. II. Título.

*Aos meus amados pais, Osano José de Araújo e Severina Selma da Silva, que contaram tantas histórias para mim, antes de dormir, e agora, sou eu quem conto um pouco da história de vocês nessas páginas.*

## AGRADECIMENTOS

Sempre gostei do aconchego e da segurança que encontro em casa. “Família” sempre foi aquele momento em que chegamos de uma festa e contamos o que achamos da comemoração, enquanto nos trocamos para dormir. Ou quando algo de ruim acontece e a gente se senta na sala e fica em silêncio, todos juntos ali, divididos nos sofás por não caberem todos em um. Até mesmo nas confraternizações de fim de ano que, por falta de costume, parecem fazer os abraços sem jeito acontecerem. De tantas maneiras de agradecer e definir esse amor, à minha família, Osano Araújo, Samara Sobreira e Selma Silva, eu dedico um amor de conforto.

A cada amigo, dedico um amor que me completa. À Lilian Parente, um amor tijucano pelos ótimos passeios no bairro. À Larissa de Miranda, um amor alegre de cumplicidade e ligações no meet. À Denise Fagundes, minha psicóloga, um amor de escuta que me faz gostar mais de mim. À Ana Beatriz Bassin, um amor de saudades por sermos imbatíveis. À Fernanda Gonzaga, um amor de orgulho por você estar indo tão longe. Ao Andrei Ferreira, um amor em notas de Dó a Dó pelas cantorias noturnas e áudios desafinados. Ao Daniel Begonha, um amor de compreensão por admirar seu modo de pensar. À Emília Gava, um amor sem palavras, porque só sentindo para entender o que eu tenho por você. Ao Sergio Luiz Karlinski, um amor de gratidão por você ter me feito diretamente chegar até aqui. Ao Christian Amaro, um amor de jogos e dança acompanhado de muitas lembranças de RPG. Ao Reuben Katz, um amor de amor, com direito a risos bobos e danças sem músicas, juntamente de mensagens de “bom dia! O Sol já nasce na fazendinha...” toda manhã.

À UFRJ, aos meus colegas de turma e estágio e aos projetos que mais me marcaram, MinervaBots, Pibid e Revista Arena, dedico um amor de aprendizado por terem me recebido tão bem. Ao professor Sergio Luiz Baptista, um amor de identificação, porque eu precisava ter você como meu professor na UFRJ. À Adriana Delgado, um amor gentil que me confortou e me deu tanta força para continuar na Faculdade. À Maluh, mamãe, um amor de realização por ter me encorajado e me possibilitado escrever sobre a minha família. Por fim, para Deus, deixei o meu amor de ser, pois sendo como sou, sei que estou sendo amado por Ele e por todos aqui.

## RESUMO

A presente monografia tem como objetivo traçar uma análise comparativa, através de obras da literatura brasileira com as experiências vividas por meus pais, retirantes do Nordeste, juntamente com a minha visão de autor estudante e filho de nordestinos. Dessa maneira, *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, *Morte e vida Severina e Outros poemas em voz alta*, de João Cabral de Melo Neto, e *O quinze*, de Rachel de Queiroz, foram as obras selecionadas por retratarem os desafios vividos no sertão e a trajetória dos retirantes, sendo ponto comum nos desafios enfrentados por aqueles que fizeram esse êxodo para conseguirem melhores condições de vida. Com o intuito de captar as experiências de meus pais, desenvolvi um questionário pessoal com perguntas adaptadas, já que sabia de algumas de suas passagens no Nordeste. Assim, o cruzamento entre o real e a ficção perpassa por um elo comum, eu, evidenciando as semelhanças que a arte e a vida possuem, mostrando que histórias muitas vezes são o retrato da vida.

**Palavras-chave:** Retirantes; Nordeste; Real e Ficção; Análise Comparativa; Literatura Brasileira.

## SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	8
2.	<b>A DESCOBERTA DA FICÇÃO</b> .....	10
2.1.	VIDA SEVERINA .....	10
2.2.	A VIAGEM DOS RETIRANTES .....	11
2.3.	FRUTOS DA SECA .....	14
3.	<b>O RECONHECIMENTO DO REAL</b> .....	20
3.1.	NORDESTE .....	21
3.2.	RIO DE JANEIRO .....	25
4.	<b>O ENCONTRO ENTRE O REAL E A FICÇÃO</b> .....	30
5.	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	37
6.	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	38
7.	<b>APÊNDICE</b> .....	39

## 1. INTRODUÇÃO

*Quem diria! Meu filho, universitário. Isso é coisa que eu só via na TV* é o meu trabalho de conclusão de curso no qual busco estabelecer uma análise comparativa entre alguns clássicos da Literatura Brasileira com as vivências e memórias de meus pais, retirantes do Nordeste. Nesse diálogo entre vida e ficção, o objetivo não é somente reafirmar a existência dessas realidades tão bem retratadas nos livros, mas também trazer corpo aos personagens das histórias e levar, para além da última página das obras, a vida daqueles que se jogaram em um futuro incerto na esperança de uma vida melhor.

Para trazer à memória as experiências sertanejas de meus pais, desenvolvi um questionário pessoal para cada um. As perguntas foram feitas, de acordo com as minhas lembranças de quando eles falavam de suas terras natais. Em alguns momentos, as perguntas eram feitas individualmente, porém, em outros, eles respondiam em conjunto. Nem sempre as questões eram as mesmas por eu saber que as vidas deles divergiram abruptamente ou que, na verdade, a percepção de vida deles era diferente o suficiente para interpretar certos instantes de maneira contrária. Ademais, por mais que questões fossem direcionadas ou houvesse uma expectativa de que ambos respondessem, nem sempre isso acontecia. Em certos momentos, por animação ou até por curiosidade na resposta do outro, somente um deles falava.

Em um segundo plano, conforme um costume que desenvolvi há muito tempo, li para a minha mãe os três livros com os quais trabalhei para escrever essa monografia: *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, *Morte e vida Severina e Outros poemas em voz alta*, de João Cabral de Melo Neto, e *O quinze*, de Rachel de Queiroz. Minha mãe foi uma peça fundamental na escrita e correlação das obras com as memórias, uma vez que eu já tinha explicado a ela que relacionaria algumas das lembranças com o que eu estava lendo para ela. A conexão entre os livros e as vidas de meus pais pautou-se em uma tripla leitura: a minha, através de um olhar crítico; a de minha mãe, um olhar saudosista que ficava contente ao ver aspectos banais de sua vida escritos em livros conceituados; e a nossa, em que ela me explicava práticas nordestinas das quais eu tinha desconhecimento e eu trazia à tona algumas questões sociais que eram retratadas nos livros, de cuja implicação ela muitas vezes não se dera conta.

Um importante fato a ser mencionado é o hábito da leitura feita para a minha mãe. Quando eu era mais novo, ela costumava me ajudar a fazer meus deveres de casa, então já era comum eu ler um ou outro texto para ela. Todavia, no 6º ano, algumas estudantes da minha sala liam muitos livros e era comum ver os professores curiosos e elogiando-as pela prática



da leitura. Confesso que, como um aluno aplicado, também queria receber elogios e comecei a falar sobre ler livros com a minha mãe. Como ela sempre trabalhou em casa de família, falava que via muito o livro *A menina que roubava livros*, de Markus Zusak, e ficava curiosa para saber o que estava escrito. Certo dia, na biblioteca da escola, eu encontrei o livro e o peguei para ler, mas era muito grande. Por isso, eu o colocava em minha frente, na sala de aula, e esperava os professores virem falar comigo e me elogiarem. Contudo, de tanto abri-lo, de página em página, eu fui lendo-o e contando um pouco do que lia para minha mãe. Gradativamente, de uma leitura de frases, passei para páginas que viraram capítulos até se tornarem livros.

A motivação para a escrita desse trabalho surgiu ao longo da minha graduação. Nas aulas de Literatura Brasileira, percebi como muitas das obras literárias que eu estudava narravam histórias de personagens que viveram episódios semelhantes aos que meus pais me contavam quando mais novo na hora de dormir. Lembro que a coincidência era tamanha que falava com a minha mãe sobre alguns estudos literários. Assim, pude ver como a vida deles era objeto de estudo na faculdade, mesmo que eles não tenham tido a oportunidade de se formarem. Com efeito, como estudante de Letras, vi que contar um pouco sobre esses retirantes era um caminho possível, ainda que fosse em um ambiente de difícil acesso. Dessa forma, não só tento registrar nessas páginas a minha gratidão e a história de meus pais, mas eternizá-los na história da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## 2. A DESCOBERTA DA FICÇÃO

Com a minha descoberta, em sala de aula, do retrato nordestino na ficção, selecionei três obras literárias, a fim de destacar pontos pertinentes para mim e para a construção do imaginário nordestino. Certos pensamentos aparecem até mesmo em mais de um dos livros, reafirmando aspectos comuns da vida nordestina. A ordem das análises literárias é um reflexo da minha percepção do impacto do diálogo entre a leitura e as falas de minha mãe.

### 2.1. VIDA SEVERINA

A obra de João Cabral de Melo Neto, *Morte e vida Severina*, aborda os desafios e a constante presença da morte na vida do nordestino. É notória a dificuldade de se escapar da morte para viver com qualidade em uma terra onde nem plantas bravas nascem. Por essa vida vivida por muitos e pouco duradoura, nasce um ser comum, Severino, um retirante que parte do sertão em direção ao litoral, em busca de uma vida melhor. O personagem não somente representa a si, mas também a todos os que se encontram na mesma região e, por conseguinte, em idêntica situação. Apesar de, no primeiro momento, Severino tentar se distinguir, o efeito contrário acontece, aproximando-o dos seus conterrâneos, como afirma Secchin (1999, p. 107). Essa observação pode ser vista, logo no início do poema, em “Somos muitos Severinos/ iguais em tudo na vida” (NETO, 1978, p. 74), tão iguais que até mesmo a terra que habitam assemelha-se ou reflete-se em seus nomes, como uma sina.

Para os habitantes do sertão, que se nivelam na mesma constituição física e no trabalho que exercem (SECCHIN, 1999), o que sabem fazer é trabalhar com a terra. Às vezes, quando se retiram para condições melhores de vida conseguirem, não têm onde morar e ainda são questionados sobre os seus trabalhos: “que mais fazia por lá?” (NETO, 1978, p. 84), como se o que faziam antes não fosse trabalho.

Trabalhando para sobreviver e vivendo para não morrer, vê-se um desejo de que os filhos possam ser doutores, mesmo que a realidade pareça estar longe desse sonho. É um jornal, então, que se apresenta como cobertor, para a criança que nasce, na parte final do auto, com que um dos que ali estavam presenteia o recém-nascido, alegando que as letras o fariam doutor. Apesar de a morte acompanhar Severino em todos os momentos do poema, em meio a “excelências”, é a vida que triunfa por fim. E verifica-se que o *fio* que tece a vida associa-se à

*linha* que trama o poema, numa superposição metapoética muito frequente na poesia de João Cabral de Melo Neto.

E não há melhor resposta  
 que o espetáculo da vida:  
 vê-la desfiar seu fio,  
 que também se chama vida,  
 ver a fábrica que ela mesma,  
 teimosamente, se fábrica,  
 vê-la brotar como há pouco  
 em nova vida explodida;  
 mesmo quando é assim pequena  
 a explosão, como a ocorrida;  
 mesmo quando é uma explosão  
 como a de há pouco, franzina;  
 mesmo quando é a explosão  
 de uma vida severina.  
 (NETO, 1978, p. 115-116)

## 2.2. A VIAGEM DOS RETIRANTES

O livro *O quinze*, de Rachel de Queiroz, conta a história de alguns personagens que estão vivendo a pior seca da história, ocorrida em 1915, responsável também por dar nome à obra. No romance, são narradas as vivências de diferentes personagens, cada núcleo desenvolvendo um dos temas trazidos pelo momento, cada qual do seu ponto de vista. Chico Bento e sua família abordam a seca e as dificuldades de sobreviver a ela, sendo obrigados a se retirarem de suas terras pela escassez; Conceição e sua avó também sofrem com as perdas, mas, por terem uma condição melhor, conseguem se mudar e acompanham mais os danos ambientais, ajudando a quem precisa; por fim, Vicente, primo de Conceição, um homem simples que cuida do gado, e nutre uma paixão por Conceição, atrapalhada pelas diferenças sociais, registra os efeitos da seca sobre o próprio gado por que é responsável.

O apego à vida construída, às memórias, aos conhecidos e à terra são elementos dos quais os personagens abrem mão em suas jornadas para encararem a incerteza do futuro, com o intuito de conseguirem dias melhores. A força da esperança mostra-se objeto fundamental no enfrentamento contra o desconhecido e na luta pela vida.

— Mas, Chico, eu tenho tanta pena da minha barraquinha! Onde é que a gente vai viver, por esse mundão de meu Deus?  
 [...]  
 — Em todo pé de pau há um galho mode a gente armar a tipoia... E com umas noites assim limpas até dá vontade de se dormir no tempo... Se chovesse, quer de noite, quer de dia, tinha carecido se ganhar o mundo atrás de um ganho?  
 [...]

Chico Bento ficou só. Tinha-se deixado estar na rede, sentado, as mãos pendentes, descansando os pulsos nos joelhos, o pensamento vagando numa confusa visão de boa ventura e fortuna. (QUEIROZ, 2008, pp. 32-33)

É evidente que após o trajeto começar, a fome apertou de maneira que não só a escassez de alimento surge como tema, mas destaca-se também a forma visceral com que é narrado o momento em que a família de retirantes consegue alimento. As condições vividas por Chico Bento e sua família constroem um cenário de aflição e desesperança, principalmente, com a morte de um dos filhos por comer mandioca, revelando que até o que a terra dava podia matar, além da miséria provocada pelas próprias condições da natureza. A família teve de se sujeitar ao que conseguia, aceitando trabalhos por merrecas para não morrerem no caminho.

O comer era quando Deus fosse servido.

Às vezes paravam num povoado, numa vila. Chico Bento, a custo, sujeitando-se às ocupações mais penosas, arranjava um cruzado, uma rapadura, algum litro de farinha. Mas isso de longe em longe. E se não fosse uma raiz de mucunã arrancada aqui e ali e além, ou alguma batata-brava que a seca ensina a comer, teriam ficado todos pelo caminho, nessas estradas de barro ruivo, semeado de pedras, por onde eles trotavam trôpegos, se arrastando e gemendo. (QUEIROZ, 2008, p. 68)

[...]

E num fogueiro de garranchos, arranjado por Cordulina com um dos últimos fósforos que trazia no cós da saia, assaram e comeram tripas, insossas, sujas, apenas escorridas nas mãos. (QUEIROZ, 2008, p. 74)

É de notar, na descrição acima, a seleção de palavras que conferem uma dramaticidade marcante ao binômio homem-natureza e seus impactos recíprocos. O barro é *ruivo*, termo mais apropriado a uma caracterização humana, ao passo que os retirantes *trotavam*, como se fossem animais. *Semeado de pedras* também cria uma estranheza que choca, evidenciando que daquele solo não se obteria alimento e só se poderia esperar o que fere e dificulta o próprio caminhar. “*Trotavam trôpegos*” produz um efeito sonoro de travamento que realça o sofrimento da marcha, a qual, por sua vez, espelha o estado de desalento do espírito.

Para além de toda a humilhação que é retratada pela família de Chico Bento, ainda surge o preconceito contra os retirantes. Vivendo na miséria e como se tivessem culpa da fome que os afligia, eram vítimas de ofensas e até de agressões físicas (“— Não dou nada! Ladrão! Sem-vergonha! Cabra sem-vergonha!”, p. 72). O destrato e o descaso ocorrem em diferentes esferas sociais, sendo mais simples e sutil ou até mais punitivo, como no caso citado, por provir de uma pessoa comum. Às vezes, é até mesmo de quem deveria zelar pelos cidadãos que vêm as ofensas.

Com a vinda da seca, o governo deveria fornecer passagens para aqueles que precisassem, porém, aproveitando-se da situação, o responsável pelas passagens, funcionário do governo, vendeu-as e, ainda, desdenha do sofrimento de Chico Bento, alegando luxo aos retirantes. “Deus só nasceu pros ricos!” (QUEIROZ, 2008, p. 36) mostra a indignação do sertanejo perante o preconceito, que negligencia e até evita o retirante pela condição na qual se encontra, mesmo que esteja na porta da delegacia, procurando por ajuda para achar seu filho desaparecido (“— Abre não, menina, é retirante... É melhor fingir que não ouve...”, p. 87).

As denúncias de Queiroz não se atêm somente ao nível institucional e financeiro. Apesar de Conceição ser uma professora, uma pessoa formada e instruída, ela também reproduz alguns pensamentos contrários a pessoas diferentes dela até mesmo contra seu primo, por quem é apaixonada. Ela chega a pensar na impossibilidade do romance por serem tão diferentes, ele um vaqueiro, e ela uma professora. Com efeito, Vicente, de início, esperava um olhar de desinteresse por parte da prima, como já estava acostumado a receber de seu irmão, “o doutor”. Diferentemente da obra de João Cabral de Melo Neto, a palavra aqui não aparece como um objetivo a ser alcançado, mas como uma posição opressora àqueles que não tiveram o mesmo êxito.

Conceição, considerada diferente por sua avó, só querendo saber de livros e de pensar por si, por mais independente que fosse, é uma personagem que surpreende ao expor uma fala racista contra uma possível amante de seu primo (“— Tolice, não senhora! Então Mãe Nácia acha uma tolice um moço branco andar se sujando com negras?”, p. 66). A perspicácia da autora demonstra que apesar de ter estudado, a professora também já se via como diferente da outra menina, desprezando-a. De modo semelhante, Mocinha, cunhada de Chico Bento, com quem viajou como retirante até se separarem, também foi alvo de comentários que agiam contra a sua honra. Na despedida de sua família, observam-se a indiferença e a insensibilidade da contratante, Sinhá Eugênia, que parece servir como prenúncio do tratamento que dará à Mocinha.

— Titia! Titia! Eu téo você!  
 Sinhá Eugênia comentou, entrando:  
 — Credo! Que desespero!  
 Mocinha enxugou pela derradeira vez os olhos úmidos:  
 — Foi porque eu ajudei a criar ele...  
 [...]  
 — Essa sem-vergonha só quer é namorar! Vive de dente de fora pros homens e não liga pra nada! Por causa dessa peste roubaram o meu casal de pires! (QUEIROZ, 2008, p. 56)

Não se pode, contudo, deixar de apontar que a própria Conceição é alvo de preconceito e tachada de “estranha”, por ser independente e culta e não ver no casamento a única saída para a vida de uma mulher. Aqui, também, Raquel de Queiroz marca uma posição importante por dar esta “oportunidade” a uma mulher no início do século XX e no ambiente bastante conservador do Nordeste.

O caminho penoso de Chico Bento não acaba em uma felicidade certa. O último momento de seu arco termina em uma despedida à Conceição. Os retirantes entram em um barco que se dirigia a São Paulo e, mais uma vez, direcionam-se ao incerto, procurando, então, um sonho que serve como força motriz para continuarem vivendo. Destaca-se que, novamente, o mesmo ato é refeito, mas ele finda numa passagem de esperança, o que produz uma sensação de conforto ao leitor, apesar de isso não estar registrado. Pelo contrário, as reticências finais sinalizam dúvida e denunciam que a fé dos retirantes sofreu profundo abalo.

Iam para o destino, que os chamara de tão longe, das terras secas e fulvas de Quixadá, e os trouxera entre a fome e mortes, e angústias infinitas, para os conduzir agora, por cima da água do mar, às terras longínquas onde sempre há farinha e sempre há inverno... (QUEIROZ, 2008, p. 120)

### 2.3. FRUTOS DA SECA

“Falo somente do que falo:/ do seco e de suas paisagens,” (9-10). João Cabral de Melo Neto, autor de *Morte e vida Severina*, ao escrever o poema *Graciliano Ramos*, expôs, em seus versos, a forma como o escritor de *Vidas secas* colocava-se em sua obra como narrador. No livro, é contada a história de uma família composta por Fabiano, sinha Vitória, o menino mais novo, o menino mais velho, o papagaio e a cachorra Baleia. De início, nota-se como ambos os filhos do casal não são apresentados devidamente por seus nomes, enquanto com a cachorra da família, Baleia, acontece o contrário. As palavras direcionadas à Baleia humanizam-na (“... e da cachorra Baleia, que era como uma pessoa da família, sabida como gente.”, p. 34), demonstrando que ela é um membro da família apesar de não ser humana.

Em *Vidas secas*, observa-se o forte caráter descritivo das paisagens, porque o espaço reflete o homem e vice-versa: descrever o espaço já é falar do homem, do mesmo modo que introduzir o elemento humano é apresentar a ambiência natural. A caatinga é o correlato objetivo dos viventes que a percorrem. A terra ressecada e a vida humana reduzida à miséria

se correspondem. Desse modo, pode-se dizer que o real condutor desta obra não são propriamente os personagens, mas a própria seca.

É notória a circularidade monótona proposta pelo autor, mostrando uma realidade de pessoas que sobrevivem, estando à mercê desse fenômeno natural e tendo de se adaptarem aos impactos naturais (ALMEIDA, 1999, pp. 294-295). Por essa razão, “a integração entre o espaço (físico e social), o homem, a ação, a linguagem, a temática e a própria articulação da narrativa torna-se quase absoluta. Nada existe com valor adjetivo ou puramente circunstancial” (ALMEIDA, 1999, p. 293). A seca não só dá início ao romance por trazer os personagens à sua história (primeiro capítulo “Mudança”), como também é elemento fundamental para a composição de diversas angústias e sofrimentos pelo quais passam até chegar ao último capítulo (“Fuga”).

A escrita dos capítulos, intercalada entre os olhares e vivências dos membros da família, revela uma vida de faltas: de comida, de conforto, de carinho, de palavras, uma vida seca. Ela acontece tanto na natureza, secando as águas e matando os animais, quanto dentro das pessoas que a enfrentam, tornando-se ríspidas e rudes, a ponto também de a seca paradoxalmente transbordar pela escrita do livro, que mostra um narrador, inicialmente, distante. Nessa realidade comum, todos são vítimas de um fatalismo, aceitando passiva e resignadamente a “sina”, como sentença inevitável (ALMEIDA, 1999, p. 294-295).

Tinha obrigação de trabalhar para os outros, naturalmente, conhecia o seu lugar. Bem. Nascera com esse destino, ninguém tinha culpa de ele haver nascido com um destino ruim. Que fazer? Podia mudar a sorte? Se lhe dissessem que era possível melhorar de situação, espantar-se-ia. Tinha vindo ao mundo amansar brabo, curar feridas com rezas, consertar cercas de inverno a verão. Era sina. O pai vivera assim, o avô também. E para trás não existia família. (RAMOS, 2016, p. 97)

Nessa passagem, destacam-se a perda do conhecimento familiar antes do avô, marca frequente em famílias humildes que não são dotadas do domínio da escrita, e a *obrigação de trabalhar para os outros*. Ainda que esse fosse um destino ruim, a ideia de que poderia mudar de situação parecia a Fabiano um absurdo. A sina não somente afetava os adultos, mas também os meninos. Sem saberem por que apanhavam, assumiam que os pais estavam certos (“Achava as pancadas naturais quando as pessoas grandes se zangam”, p. 59).

O narrador, que não pertence ao universo ficcional onde se movimentam os personagens, coloca-se em uma posição de observador (ALMEIDA, 1999, p. 297). A dificuldade que Fabiano e sua família têm de expressar, por si mesmos, os seus pensamentos se dá pela pobreza de palavras (“ele [o papagaio] era mudo e inútil. Não podia deixar de ser

mudo. Ordinariamente a família falava pouco”, pp. 11-12). Assim, o papel do narrador é o de mediador, sem fazer qualquer intervenção além desta, traduzindo os pensamentos de Fabiano e dos demais, em uma situação personativa, na qual o personagem pensa, mas não fala diretamente ao leitor (“Era o que ele [Fabiano] queria dizer”, p. 36). O fatalismo da carência da fala, decorrente, novamente, do efeito da seca, nesse caso, uma seca de palavras, que compromete, em muitos momentos, o desempenho social e existencial dos personagens, é, por outro lado, uma das forças do romance, porque denuncia vivamente até que ponto o abandono e o desamparo podem comprometer e mesmo inviabilizar a vida de pessoas entregues à sua própria sorte em meio a condições inóspitas. Cria-se uma isomorfia entre os planos da forma e do conteúdo e, paralelamente, frisa-se a equivalência entre o homem e a terra, ressaltando a correspondência entre as condições existenciais e a ambiência natural.

Apesar de sinha Vitória, com quem Fabiano fala, conseguir organizar melhor seus pensamentos, – “percebia as coisas de longe”, “tinha miolo” –, a comunicação entre ela e Fabiano acontece majoritariamente pelos olhares, gestos e interjeições guturais de aprovação e desaprovação (“Sinha Vitória estirou o beijo indicando vagamente uma direção e afirmou com alguns sons guturais que estavam perto”, p. 10). Falar era um desafio. A ausência de uma comunicação faz com que os personagens aproximem-se dos animais e sintam desconforto ao estarem com outras pessoas. Isso é comprovado na relação de Baleia com a família e na vontade de estarem longe das pessoas da cidade, por acreditarem que elas são mal intencionadas. Por mais que Fabiano tivesse conhecimento da existência de um “falar” usado por Tomás da bolandeira, figura que não aparece no romance diretamente, mas age como um modelo para a imagem do cidadão, ele não era capaz de dominá-lo.

Não era propriamente conversa: eram frases soltas, espaçadas, com repetições e incongruências. Às vezes uma interjeição gutural dava energia ao discurso ambíguo. Na verdade nenhum deles prestava atenção às palavras do outro: iam exibindo as imagens que lhes vinham ao espírito, e as imagens sucediam-se, deformavam-se, não havia meio de dominá-las. Como os recursos de expressão eram minguados, tentavam remediar a deficiência falando alto. (RAMOS, 2016, p. 64)

A dificuldade da fala isola forçosamente cada membro da família em um mundo próprio. Entendê-los só é possível através do olhar individual, movimento realizado pelo narrador acompanhando-os em capítulos próprios (ALMEIDA, 1999, p. 301). A realidade pelo olhar deles é fragmentada e até, em alguns momentos, contraditória, como a visão do menino mais novo que vê o pai como um herói (“Naquele momento Fabiano lhe causava grande admiração. Metido nos couros, de perneiras, gibão e guarda-peito, era a criatura mais importante do mundo”, p. 47) e deseja seguir seus passos, inclusive o andar pesado e



cambaio, enquanto Fabiano vê a sua vida como uma sina pesada, até na forma de andar que igualava seu avô, seu pai e ele.

As visões divergentes da família evocam uma percepção incompleta das próprias vidas, advinda da falta do domínio da linguagem que é causa e expressão da impossibilidade de uma organização e compreensão do real (ALMEIDA, 1999, p. 304). Fabiano, ao ser preso, injustamente, não consegue entender o porquê. Inicialmente, acredita que tenha sido engano por parte do soldado amarelo (“Havia engano, provavelmente o amarelo o confundira com outro. Não era senão isso”, p. 32); uma vez que ele representa o governo, “coisa distante e perfeita, não podia errar [...], não devia consentir tão grande safadeza”. Aqui, pode-se supor uma resistência a crer que haja malícia nas intenções do soldado, que abusa de sua autoridade, ou, quiçá, uma ingenuidade por parte de Fabiano, porém, é evidente que ele não consegue atinar claramente com as razões que o levaram até ali. Faltam-lhe palavras para compreender e, principalmente, para se defender de tudo o que o acometia. Ele “atrapalhava-se”, “engasgou-se” com a busca pelas palavras que não surgiam, enquanto, em contrapartida, dava-se espaço a um silenciamento que o fazia de refém (“... ouviu sem compreender uma acusação medonha e não se defendeu”, p. 31).

O silêncio de Fabiano reafirma a resignação à sua sina (“Sabia perfeitamente que era assim, acostumara-se a todas as violências, a todas as injustiças”, p. 33). Ele não se defendia, porque não conseguia agir, queria ter o domínio da palavra, mas, segundo pensava, era bruto, só sabia conversar com os bichos. A falta de domínio da palavra desautonomiza o homem que passa a se ver como bicho. A relação com os animais da fazenda é tão próxima que Fabiano descreve-se por partes de animais (“Os calcanhares, duros como cascos, gretavam-se e sangravam”, p. 12) e pela assimilação de sua imagem.

Vivia longe dos homens, só se dava bem com animais. [...] Montado, confundia-se com o cavalo, grudava-se a ele. E falava uma linguagem cantada, monossilábica e gutural, que o companheiro entendia. A pé, não se aguentava bem. [...] Às vezes utilizava nas relações com as pessoas a mesma língua com que se dirigia aos brutos — exclamações, onomatopeias. Na verdade falava pouco. Admirava as palavras compridas e difíceis da gente da cidade, tentava reproduzir algumas em vão, mas sabia que elas eram inúteis e perigosas. (RAMOS, 2016, p. 20)

Não seria possível imaginar Fabiano capaz de explicar tudo que o afligia com o léxico limitado que possuía, pois ele “não podia arrumar o que tinha no interior”. A situação personativa entra em cena, porque, no compartilhamento narrativo que estabelece com o personagem, o narrador dá ao leitor acesso à mente de Fabiano. No entanto, no fluxo tumultuado dos pensamentos do sertanejo, as únicas palavras que brotam de sua própria boca

são interjeições guturais (“An!”). O sentimento nele cresce, ganha forma, cria-se uma expectativa para a projeção de uma fala libertadora que surpreenderia o leitor, mas a sua condição de bruto prevalece.

O fio da ideia cresceu, engrossou – e partiu-se. Difícil pensar. Vivia tão agarrado aos bichos... Nunca vira uma escola. Por isso não conseguia defender-se, botar as coisas nos seus lugares. [...] Se lhe tivessem dado ensino, encontraria meio de entendê-la. Impossível, só sabia lidar com os bichos.

[...]

Ele, Fabiano, era aquilo mesmo, um bruto. (RAMOS, 2016, p. 35)

Não havia possibilidade de escapar da seca, não sendo um *bicho*. Fabiano compreende que, apesar de ter sobrevivido por tanto tempo por ser *bicho*, era preciso se tornar *homem* para ir além daquela sua condição. O que o faria ser *homem* seria a palavra. O *bicho* é “capaz de vencer dificuldades” (p. 19), a seca, enquanto que o *homem* é capaz de falar, de criar raízes, de se defender, de compreender o que lhe acontece, de ter uma vida melhor e de sonhar, seja com uma cama igual à de Tomás da bolandeira, como sinha Vitória deseja, ou com um periquito, como fantasia o menino mais novo. É preciso, então, que Fabiano passe por uma metamorfose para conseguir ir além de sua sina e vencer a seca, para que seus filhos não precisem ser tatus para poderem sonhar. Esse esclarecimento de Fabiano surge pelas situações embaraçosas pelas quais passa (ALMEIDA, 1999, p. 305).

Embora os meninos, por vezes, sejam “educados” a cocorotes e ofendidos, (“— Anda, condenado do diabo, gritou-lhe o pai. [...] — Anda, excomungado”, pp. 9-10), o tratamento que recebem é reflexo da seca atuando em toda a vida de seus pais, deixando-os pouco afetuosos e capazes de repreender os filhos por perguntas legítimas, também gerando uma educação que não acolhe as palavras, mas as condena. Fabiano e sinha Vitória não conseguem tratar seus filhos de uma maneira diferente por ter sido a única que a seca lhes ensinou. As bofetadas não são por raiva ou por desgostarem dos meninos; pelo contrário, é nítida a sensação de descontentamento de Fabiano ao repreender os filhos por não saber, mas eles não poderiam saber que ele não sabia ou achar que fossem diferentes de tatus (“Precisavam ser duros, virar tatus. [...] Livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos. Agora tinham obrigação de comportar-se como gente da laia deles”, p. 25), pois “era bom eles saberem que deviam proceder assim” (p. 20). Surge aqui o “amor seco”.

Dos muitos frutos da seca, “o que o [Fabiano] segurava era a família” (p. 37). O amor em meio a condições tão adversas era força fundamental para sobreviver: querer tornar-se

homem, sonhar e, assim, sentir-se “capaz de atos importantes” (p. 67). “— O mundo é grande.” (p. 123), disse Fabiano, fugindo da seca que viria, mas, em seu interior, vendo um lugar de esperança que seria morada para a sua família.

### 3. O RECONHECIMENTO DO REAL

As histórias vividas no Nordeste por meus pais sempre me acompanharam até a graduação, fossem para contar uma lição de vida, para descontrair ou por simplesmente lembrarem, comparando as mudanças entre o que viveram e o que vivem. As perguntas que desenvolvi para meus pais foram adaptadas para cada um, tanto pela rotina diferente, tendo minha mãe maior disponibilidade para contribuir com a produção da monografia, quanto pela seleção de temas que eu já sabia que surgiriam em suas narrativas.

Inicialmente, as perguntas seriam respondidas separadamente para que não houvesse interferência nas respostas de ambos. Felizmente, meus pais sempre foram muito próximos, de modo que a separação das pesquisas mostrou-se completamente inviável, pois ambos ficavam curiosos para saber o que eu perguntaria para o outro e para ver o que seria respondido. O que era para ser um questionário, que seguia uma metodologia um pouco mais padronizada, tornou-se uma grande reflexão sobre as suas vidas, podendo até mesmo surpreendê-los com as atitudes que tiveram em certas situações e momentos.

Essa reflexão de vida foi dividida em tópicos, a fim de organizar a apresentação das memórias de meus pais. Os participantes da pesquisa são: meu pai, Osano José de Araújo, nascido em 20 de março de 1966, na cidade de Orobó, Pernambuco, e falecido em 25 de outubro de 2022, na cidade e estado do Rio de Janeiro, com 56 anos, durante a produção desta monografia; e Severina Selma da Silva, nascida em 1 de abril de 1972, em Logradouro, na Paraíba, 50 anos. Como já foi citado, pela maior disponibilidade de minha mãe, é comum que ela apareça mais que meu pai. Não obstante, o diálogo estabelecido entre ambos fazia, por vezes, com que apenas um respondesse à pergunta que eu fazia por acreditar que o outro daria a mesma resposta, ou por já se iniciar uma conversa para além do que foi perguntado. Às vezes, por se tratar de perguntas de livres respostas, preferiam, em dados momentos, relatar alguma situação que, inicialmente, não parecia uma resposta à pergunta feita. De entrevistador, eu passava a ser observador e via-os relembando-se de episódios dos quais nunca tinha ouvido falar. Essa reflexão, dividida em tópicos, e em duas seções, Nordeste e Rio de Janeiro, fez-me conhecer um pouco mais meus pais. Agora, apenas como mediador desse diálogo, deixo que eles contem as suas histórias.

### 3.1. NORDESTE

De início, pedi que contassem um pouco sobre a relação com os pais, uma vez que eu era o entrevistador. Para exemplificar, minha mãe começa contando sobre ser criança, em uma conversa de adultos, e sobre os assuntos de que falavam, trazendo também uma curiosidade a respeito dos banhos.

A gente podia conversar, mas determinados assuntos. Eles conversavam muito com os olhares. Meu pai conversava com o compadre, e, se você passasse entre eles, ele olhava para você. Na próxima vez, ele brigava, ou depois, quando a pessoa fosse embora, ele brigava.

[...]

Nos sábados, enquanto minha mãe lavava a roupa no açude, a gente tibungava e depois tinha a inspeção sanitária após os banhos.

Apesar da ameaça de briga quando as crianças passavam entre a conversa de adultos, percebe-se uma comunicação. Um fato comum que minha mãe aponta sobre os adultos é que “todo mundo anda com peixeira, seja para brigar, comer laranja, cortar mato...”. Quanto à minha avó, o contato com ela se dá pela “inspeção sanitária”, após tibungarem — pularem e mergulharem, no rio. Em contrapartida, a relação de meu pai não se dá da mesma maneira (“Nós éramos próximos distantes, porque vivíamos juntos, mas não conversávamos muito”, Osano José de Araújo). Vê-se uma relação de uma estrutura familiar pela proximidade, mas na qual não é observado diálogo.

Entendendo um pouco mais sobre os membros da família, minha mãe é bem pontual ao falar da composição de sua casa (“Minha mãe teve 14 filhos, 7 homens e 7 mulheres, não convivi com todos, por causa da idade”, Severina Selma da Silva). Pelo número grande de tios que possuo por parte de mãe, não foi possível que ela convivesse com todos. Contudo, meu pai não só conta quantos irmãos e irmãs tinha, como vai além em um fluxo de pensamento que preferi não interromper.

Meus pais tiveram 11 filhos, 5 homens e 6 mulheres, o convívio era a roça. Todo diálogo era tudo debatido na hora da lida. Todo ano, a gente só ganhava enxada e chapéu de palha para trabalhar, porque para comprar roupa, a gente tinha de catar banda de café para vender, sendo que meu pai vendia o café. Passei 10 anos trabalhando na roça, a gente não brincava muito, a gente brincava mesmo com a enxada.

É possível ver as dificuldades pelas quais passava para comprar roupa e o constante trabalho na roça, local onde poderia conversar com seus irmãos. Revela também que nem espaço e tempo para ser criança tinha muito, por causa da lida. A maior parte de sua vida no

Nordeste deu-se pelo trabalho com a enxada de onde tirava o seu próprio dinheiro para a compra de suas roupas.

A relação com familiares mais distantes era dificultada pela distância que deveria ser percorrida a pé para todos os lugares (“A gente não conhecia muitos dos outros familiares, por causa da distância. Tínhamos uns primos que eram ‘matutos’, você batia o pé e eles corriam de medo”, Severina Selma da Silva). A distância também era um forte motivo para que houvesse menos interações entre pessoas, fazendo com que alguns “primos” não tivessem um certo traquejo social, escondendo-se frente a um bater de pé. Dessa mesma forma, os estudos eram comprometidos pela distância ao completarem o Ensino Fundamental I (“A gente só ia até a 4ª série, porque a 5ª série já era em um lugar distante. A vida dependia da chuva e de Deus”, Osano José de Araújo).

“Não tinha energia elétrica, a gente não saía de casa. As roupas eram de ‘volta ao mundo’, tergal, alpargata, sandália de cariri e chita”, conta meu pai ao falar de sua moradia e indumentária. Tudo era escasso e vinha através de muito esforço. “A gente trabalhava para sobreviver. Não é que a gente não quisesse estudar, não tinha condições. Filho lá é igual tanajura, cria asa e vai voando. E quem não criou, vai ficando”. Ali não era um lugar onde se poderia viver adequadamente, era preciso criar asas para sair de lá. A seca age fortemente em seus discursos: “a gente não conseguia comer duas vezes ao dia e quando tinha a carne às vezes faltava outra coisa”, conta meu pai. “A gente tinha de buscar a água longe ou vinha um carro-pipa, mas que só deixava pegar duas latas d’água”, afirma minha mãe. Ambos relembram-se de como era difícil conseguir alimento e água.

Apesar da difícil realidade de meu pai, minha mãe conta com felicidade as suas lembranças do Nordeste quando criança. Mostra como conseguia brincar e até mesmo via televisão. Por mais que seja apresentado um cenário de muita carência por meu pai, minha mãe demonstra uma felicidade com tudo aquilo que tinha.

A gente esperava para ver o ‘Sítio do Pica-pau amarelo’ na televisão. Eu via as histórias que pareciam com as coisas que as pessoas falavam das lendas e a vida no sítio. Quando chegava a noite, meus pais sentavam para ouvir ‘A voz do Brasil’, fumando cachimbo na cadeira de balanço. Enquanto isso, a gente ficava brincando nas sombras de esconde-esconde, por causa da luz do candeeiro deles, que iluminava as frestas da casa. Mas eu não sentia falta de nada, porque não conhecia. O que a gente não conhece, a gente não sofre.

Eu gostava muito de brincar com um pedaço de pau no quintal quando chegava da escola, ele era o meu filho. Minha irmã até ganhou uma boneca um tempo depois, mas não gostei, achei a boneca leve. Eu gostava do meu pedaço de pau que eu guardava, era pesadinho e eu enrolava um lenço para fingir que era fralda. Também brincava de professora com as galinhas, cada uma tinha um nome e conversava com

elas e com as plantas: ‘oi, comadre! Não levou seu filho ontem para a escola?’ Acho que toda criança tem a primeira brincadeira de ser professor. Eu era feliz.

Os dias eram todos muito parecidos, tudo era muito igual (“Lá tinham as mesmas cores: verde, cinza e amarelo, as cores do mato. A gente convivia com o mato e a terra”, Severina Selma da Silva). As datas festivas eram um dos poucos momentos de comemoração (“A gente ia a festas, mas não comemorava aniversário. A gente até esquecia do dia”, Severina Selma da Silva).

Após ouvir sobre o esquecimento do próprio aniversário, quis saber mais quanto à relação de afeto com a família, pois fiquei surpreso com esse fato comum. Ambos apresentam um discurso distante dos pais, porém, apesar dessa relação pouco afetuosa, é evidente que eles entendiam, em parte, que a vida era daquele jeito, posto que conseguiam identificar um certo carinho nessas situações, com exceção do meu avô paterno. Observa-se também como eles eram capazes de compreender o afeto através do cuidado, que era o único que conheciam, tanto que *beijo e mãos dadas* era algo a ser comentado.

O carinho dos meus pais era dar comida e vigiar, ficar de olho para ver se estava bem. Lá ninguém beija, a gente via novela e falava: ‘ih, no Rio de Janeiro, as pessoas cumprimentam as outras com beijo e andam de mãos dadas’. (Severina Selma da Silva)

Meu pai era coisa rude, só brigava e bebia álcool. Carinho só da mãe, nos finais de semana, que era a inspeção sanitária — termo que aprenderam no RJ —, ela catava piolho e cortava as unhas, porque a gente vivia com os animais, então tinha de todo sábado tomar banho e se cuidar. Banho de inspeção era algo que só tinha uma vez por semana, banhos normais eram umas 2 vezes. Não tinha água e os açudes ficavam longe. A gente só lavava os pés e braços todos os dias antes de dormir. (Osano José de Araújo)

Por lembrar de algumas histórias que já tinha ouvido, pedi que falassem um pouco dos medos que tinham no Nordeste. É importante ressaltar que o imaginário deles, enquanto crianças, influencia na grandiosidade desses medos. Assim, meu pai é bem sucinto ao dizer que “tinha medo de fantasmas de noite e de ‘cachorro doente’ (raiva)”, uma vez que ele andava muito com os animais na roça. Todavia, os medos de minha mãe vão além: “eu tinha medo de ciganos e do Papa-figo. Os vizinhos avisavam desde outras cidades, quando os ciganos estavam vindo. A gente tinha medo, porque eles roubavam galinhas e raptavam crianças. E diziam que o Papa-figo, um carro que passava, roubava os órgãos das crianças.” Curiosamente, o Papa-figo não é o bicho-papão que conheço, mas um carro. Semelhantemente aos ciganos, os dois medos de minha mãe são *reais*, o que diverge em certo ponto dos medos comuns de crianças da cidade.

Frente a essa realidade, perguntei como era o tratamento de doenças, já que viviam em condições precárias. Minha mãe conta, de forma comparativa e simples, até mesmo se surpreendendo com a maneira como os pais podiam fazer tais atos e as crianças não piorarem. “Para landra, que aqui chama de íngua, a gente contornava o pé no chão e cortava em cruz. Quando os olhos amanheciam doentes, você usava a primeira urina do dia para lavar. Com infecção urinária, era só mijar em cima de um formigueiro de uma determinada formiga.” Logo depois de se lembrar disso, ela fica pensativa, tentando entender o porquê de fazerem aquilo e como podia funcionar.

Em certo momento, percebi que eles se referiam muito aos amigos e colegas de seus pais não pelo nome, mas por *compadre* e *comadre*. Indaguei o que seriam esses “títulos sociais” e como era dada essa relação de proximidade. “O título mais alto que se tinha lá era ser ‘comadre’ e ‘compadre’, porque não tinha profissão. Então tinha gente que era comadre e compadre de várias pessoas” (Severina Selma da Silva). Inclusive, esses títulos mostravam uma consideração que até causava alguns momentos inoportunos, como o simples fato de assistir à televisão.

A gente tinha TV, mas quase ninguém tinha. Quando a gente queria ver só um pouquinho antes da escola, a gente colocava baixinho para ninguém vir, mas, mesmo baixo, as pessoas apareciam querendo ver. Não tinha como oferecer comida, porque era pouca, mas as pessoas ficavam vendo à TV na nossa casa. À noite, até tinha uma TV na praça principal e tinha de dar graças a deus, era um cinema ao ar livre. (Severina Selma da Silva)

A escola pouco aparece nos relatos de meus pais, contudo, eu quis saber como era a relação com a leitura e com os estudos. “A gente não tinha livros, a gente só recebia cartilhas. A gente não conhecia jornal e nem revista” (Osano José de Araújo). De mesmo modo, minha mãe fala da escola muito mais como um espaço para brincar e se alimentar, compartilhando até algumas práticas comuns dos nordestinos ao verem revistas, algo raro por lá.

A escola distribuía merenda, mas o que sobrava a própria escola dava para a população que ia na hora da merenda. Os únicos livros eram os didáticos, mas a gente cortava no final do ano para fazer correntinha e bandeirinha de São João. A gente até brincava com as imagens falando: ‘fulano de tal tá preso com...’ e a pessoa tem de achar o que a gente falou. Lá não existiam palavras. Revista e jornal eram raros, aí quando a gente encontrava, recortava os famosos. Tinha gente que até colava nas paredes do quarto.

Por fim, questionei se em algum momento eles pensavam que saíam do Nordeste. “Eu nunca achei que fosse sair de lá” (Severina Selma da Silva), disse minha mãe, muito mais por ser criança. Entretanto, meu pai, pela vida difícil que tinha, vivendo na roça, diz: “já



era inquieto para sair de lá, esperei tirar os documentos para sair”. Eles não sabiam como a vida seria, mas a vida os trouxe ao Rio de Janeiro.

### 3.2. RIO DE JANEIRO

A chegada de meu pai ao Rio de Janeiro foi planejada. Ele tinha vontade de sair de lá, tentar uma vida melhor, como muitos faziam naquela época. Veio para o Rio de Janeiro por ser uma metrópole, acreditando ter melhores oportunidades de emprego. Diferentemente dele, minha mãe veio para o RJ, porque o irmão dela havia desaparecido aqui, ao vir para cá viver com a sua amada. Por essa razão, a minha avó a trouxe e aos outros irmãos, que ainda eram novos, para cá. Aos 13 anos, minha mãe começou a trabalhar, porque tinha dificuldades de dar continuidade aos estudos, por causa do ensino defasado que teve no Nordeste e da vida que exigia dinheiro. Assim, aproveitei para perguntar as suas percepções ao chegarem na cidade.

Foi um choque chegar ao RJ. Lá, você podia pedir água e as pessoas davam, aqui não. Lá, havia acolhimento. Aqui os prédios assustam por serem grandes, o fluxo de pessoas, o número de carros em alta velocidade. Meu irmão [que também veio para o RJ] até fala que sente saudades da rua sem carros. (Osano José de Araújo)

Antes dos meus 20 anos já tinha trabalhado em sete lugares. Ninguém queria pagar um adulto para cuidar de criança, então eu trabalhei desde os 13 anos e fazia de tudo. Cuidava de criança e da casa, eu tinha de morar na semana na casa dos outros e só ver minha mãe no final de semana. Eu via crianças da minha idade brincando pela janela. [...] Aqui a pessoa perde a inocência e a liberdade também. (Severina Selma da Silva)

Enquanto meu pai fala do choque pela falta de acolhimento da cidade e pelos automóveis e prédios, minha mãe traz um sentimento de perda por ter “crescido” tão rápido ao chegar no RJ, vendo que tinha de trabalhar muito mesmo que crianças de sua idade não fizessem igual. A quantidade de trabalhos que teve antes dos 20 anos chega a surpreender, tanto que pontua que *aqui* (no Rio de Janeiro) *a pessoa perde a inocência e a liberdade também*. Ao mencionar o número de trabalhos antes dos 13 anos, ela compartilha um pouco de suas experiências, apresentando alguns pensamentos a seu respeito e a relação com os estudos, juntamente com os conflitos nos empregos.

A mulher com quem eu trabalhei me colocou na escola. Ela fazia questão de eu terminar meus estudos. Eu não queria saber de estudar. Eu era bruta, não tinha tato. Eu tinha cabeça, mas não tinha juízo. Eu acho que se eu tivesse continuado lá, eu teria tido futuro. Ela trabalhava como dentista, até cheguei a fazer um teste atendendo o telefone, mas eu já chegava falando: ‘quer falar com quem?’. Ela me falou que eu não podia atender daquele jeito, isso até deu problema para ela depois.

Ela queria investir em mim, ela me dava roupas, mas eu saí, porque a sobrinha dela começou a ver tudo aquilo e começou a ter inveja e eu era muito inexperiente para entender. Então, eu só disse: ‘vou embora’ e não voltei, nem expliquei nada a ela. Na segunda casa que trabalhei, uma outra menina inventava coisas e a moça não acreditava em mim, achava que eu tinha feito. E eu não conseguia estudar e trabalhar, porque o dinheiro todo era gasto em passagem de ônibus.

A falta de traquejo social, que nunca lhe foi uma questão, aparece como um empecilho para minha mãe receber o investimento que a moça para quem trabalhava tinha interesse em fazer. De mesmo modo, também teve dificuldades de se manter nas escolas em que entrava pela dupla jornada. Era explorada nas casas onde trabalhava, chegava atrasada nas aulas, por isso costumava deixar a escola. “Na casa dessa moça, que a filha inventa coisas, foi com ela que comi pela primeira vez em um restaurante. Ela me ensinou a usar garfo, porque eu não sabia” (Severina Selma da Silva).

Não podendo seguir com o emprego em que a menina a boicotava, situação em que minha mãe mostra não entender o porquê de a garota fazer aquilo, ela consegue outro trabalho. “Depois disso, eu comecei a vender livros, mas, ainda assim, escrever e falar era difícil. Aqui na cidade, eu senti que perdi a infância e não convivi mais com minha mãe” (Severina Selma da Silva). Apesar de ter tido os estudos comprometidos, apresentando dificuldades na leitura e na escrita, que permanecem, em seu primeiro momento de venda, lendo apenas os prefácios, conseguiu bater recorde de vendas.

Impulsionado pelas experiências de minha mãe, meu pai relata como começou a trabalhar e a viver na cidade. Ele contou com a ajuda de sua irmã, mas ainda teve de passar por momentos complicados. A grande oferta de emprego da época foi o que possibilitou uma certa moradia a meu pai.

Quando eu cheguei aqui, fiquei nos finais de semana na casa da minha irmã, mas morava no trabalho. Eu morava na lixeira do prédio, onde eu trabalhava como porteiro. Eu precisava do emprego, não podia perder. Naquela época, tinha muito emprego e muita gente querendo emprego, você estava conversando com um cara sobre emprego, chegavam mais dois querendo também.

Meu pai conseguiu um outro emprego, posteriormente, onde ele pôde morar com minha mãe, na Tijuca, e lá nós vivemos até os primeiros dias de março de 2023. Ele chegou a se formar como técnico de eletrônica, porque achava que era algo que daria retorno, mas não conseguiu exercer a profissão, pois teria de abrir mão da portaria e, conseqüentemente, da moradia cedida. Logo, teve de deixar a sua formação para que eu e minha irmã pudéssemos ter um futuro melhor, uma vez que a facilidade em conseguir boas oportunidades e a menor distância para escolas, universidades e trabalhos são fatores importantes na Tijuca. Ele

sempre desgostou de trabalhar como porteiro pelas humilhações por que passou, mas foi o que conseguiu.

Apesar de o emprego possibilitar uma moradia como direito, havia moradores que não concordavam com isso. Além disso, como ela se localizava no play, tendo a janela para o lado da quadra, era comum que os moradores que fossem procurar meu pai ou até meus amigos do prédio, falassem conosco pela janela, em vez de baterem na porta, sendo que a porta é ao lado do elevador e da escada que dão acesso ao play. Quando aconteciam festas, no play, era comum sentir que não se tinha muita privacidade, pois os convidados e até quem morava no prédio passavam olhando para dentro de nossa casa. As festas infantis eram as mais difíceis, porque as crianças ficavam se agarrando à janela e tentando chamar nossa atenção. Raramente, elas eram educadas, quando interagiam conosco, e apenas diziam “oi”, posto que, na maioria das vezes, ficavam gritando ou até mesmo batiam na janela com as próprias mãos ou arremessando pequenas pedras dos jardins ou colocando papel de doces pelas frestas das janelas e nos ofendiam. Curiosamente, os pais pareciam não ver o comportamento de seus filhos até que nós falássemos com eles. Dos episódios mais marcantes para meus pais, eles contam o dia em que chegaram em casa e um dos filhos de um dos moradores havia invadido a nossa casa pela janela e estava revirando as coisas de meus pais. Os desafios de morar onde se trabalha também faziam com que meu pai não tivesse muitos dias de descanso, já que ligavam para a nossa casa pedindo que ele trabalhasse nos dias de folga, informalmente, quando algum morador precisava de algo. Uma moradora em particular, pelo que conta meu pai, dizia que o mandaria embora assim que se tornasse síndica, o que fez com que meu pai por anos ficasse com medo de ser despedido toda vez que havia reunião. Mesmo se candidatando por vezes, ela nunca conseguiu ser eleita. Não havia uma razão explícita para que ela desgostasse de meu pai, mas ela monitorava o trabalho dele. Ela acordava cedo, 6h da manhã, nos dias em que ele ia limpar a piscina e via se ele estava trabalhando corretamente até mesmo nos sábados e domingos. Imagino a pressão que tenha sido viver por anos monitorado, não somente por essa moradora, mas não tendo uma liberdade plena, já que poderia haver motivo para uma demissão e comprometimento da vida de sua família, trabalhando onde morava. Eu e minha irmã, por sorte, não vivenciamos tantas situações desconfortáveis quanto meu pai, mas me lembro de ser comumente chamado de “filho de porteiro” e nem sequer perguntarem meu nome, enquanto minha mãe conta que uma amiga de minha irmã perguntava se as roupas de minha irmã eram compradas no camelô, além de também relatar que já ouvira que a minha irmã era tão bonita como se fosse filha de

morador. Ainda que meus pais tenham sofrido humilhações por morar no emprego e por haver certos conflitos com alguns moradores, o prédio na Tijuca foi um lugar que permitiu que eu e minha irmã conseguíssemos ter estudos de qualidade e vivermos em uma realidade que nos proporcionou uma facilitação da conquista de uma vida melhor.

Em virtude das humilhações acima, perguntei se meus pais já tinham vivenciado alguma discriminação. Meu pai não esboçou nenhum comentário, mas ele sempre me falou com muito orgulho da formação de técnico, no Wakigawa. Para mim, foi, porém, sempre estranho ouvir dos meus amigos comentários depreciativos referentes ao ensino nessa instituição, porque eu sentia que eles falavam um pouco do meu pai naquilo. Minha mãe, por sua vez, relembra de uma experiência no tempo de escola, durante sua dupla jornada de trabalho no RJ. “Uma vez, eu ouvi uma menina falando mal de nordestinos e eu perguntei se ela conhecia algum, e ela negou. Foi quando eu disse para ela que eu era e ela ficou chocada, porque eu não condizia com a fala dela.”

Ao refletir a respeito de todas as vivências e sabendo que só vieram se conhecer no RJ, indaguei como aconteceu esse encontro. Eles se conheceram em uma festa de amigos em comum, na qual passaram um tempo juntos e nada além disso. Entretanto, minha mãe perguntou a um conhecido onde meu pai trabalhava e foi no dia seguinte ao trabalho dele. Eles lembram que meu pai a chamou para sair para um restaurante, e ela nem ousou tocar na comida, porque não estava acostumada a comer com talher e também tinha vergonha de comer na frente dele, mesmo que tivesse fome. Eles costumavam ir a um “bar da árvore” e ao “Garota da Tijuca”. Eles não imaginavam que viveriam 36 anos juntos, principalmente minha mãe, que se casou com o seu primeiro e único namorado.

Perto de finalizar o questionário, fiz perguntas mais diretas a respeito das suas percepções sobre alguns momentos de suas vidas. Questionei se conseguiam saber por que tiveram criações tão diferentes, e minha mãe comenta falando de minha avó e da maneira como ela estava à frente de seu tempo, mesmo no Nordeste, naquelas condições.

A diferença que vejo da minha família é que a minha casa era governada por uma mulher. No Nordeste, era sempre o homem que comandava, mas minha mãe comandava. Ela que cuidava da gente, falava o que a gente tinha de fazer... Meu pai só consultava ela, raramente falava.

Quando eles se casaram, ele falou que ela nunca mais ia usar batom e cortar o cabelo. No dia seguinte, ela foi lá e fez tudo isso. Os homens proibiam as mulheres de muitas coisas, mas ela sempre foi diferente e é por isso que eu e minhas irmãs somos assim.

Como mais uma vez minha mãe estava participando de um dos meus trabalhos, quis saber mais sobre o hábito da leitura que desenvolvemos. “No que você ia lendo, eu não tinha tempo de ler, eu ia debatendo o assunto. Aprendo com o que você lê”. Ela também conta que prefere os livros aos filmes, mesmo que não lesse tão bem, pois sempre gostou de poder pensar e sentir por si, sem haver uma conclusão fechada como nos filmes. Além disso, complementa, “a maioria dos filmes não mostra a realidade mesmo. Os livros retratam uma realidade em que a gente consegue se imaginar.”

Em consonância com a reflexão dela, também procurei me inteirar de seus pensamentos quanto aos nossos estudos. “Eu sempre quis dar o que eu não tive. Eu ia às reuniões, ajudava nos deveres, mas ficava com um pesar quando não podia ajudar, porque não tinha aquele conhecimento e não conhecia ninguém que pudesse ajudar, me sentia incapaz” (Severina Selma da Silva). Hoje em dia, vendo que consegui chegar à faculdade e estou prestes a me formar, pergunto o que pensa disso. “A gente vê que nosso esforço, pobre sem estudo, não quer dizer que não possa progredir. A gente se sente reconhecido, o que a gente fez foi certo” (Severina Selma da Silva).

Frente aos comentários que eles faziam e ao clima agradável que a pesquisa proporcionou – via minha mãe se divertindo muito e meu pai que, apesar de não parecer muito entusiasmado, arrumava-se e até me cobrava pontualidade na hora de começar a fazer as perguntas –, aproveitei a oportunidade para perguntar como eles estavam se sentindo em relação à pesquisa, e qual foi a minha surpresa ao ouvir as suas considerações. Meu pai dá início à resposta, seguido dos comentários de minha mãe que parecem finalizar bem o questionário.

A gente vê que toda a trajetória de incerteza que vivemos tá sendo uma escrita, serviu para alguma coisa. Ter uma história de vida escrita é importante, mostra que não foi em vão. A sua história continua viva e mais alguém vai ter o conhecimento. [...] Alguém pode se identificar e fica para os netos. Por exemplo, minha mãe não sabe o nome dos avós. Acho interessante você ter se interessado [pela nossa história]. Normalmente, as pessoas têm interesse em coisa pra frente. (Osano José de Araújo)

A gente tá se sentindo importante, a gente vai se formar também. [...] Vêinho, a gente vai ficar na história. [...] Isso nunca passou pela minha cabeça. A gente tá vivendo uma vida de sonho de rico. [...] Um nordestino que mudou um pouco de vida. Não é uma história de sofrimento. É uma história de vencimento. (Severina Selma da Silva)

#### 4. O ENCONTRO ENTRE A FICÇÃO E O REAL

A realidade vivida por meus pais e a ficção, que estudo na universidade, são aspectos muito mais próximos do que eu imaginava. O encontro e o diálogo, juntamente com as conexões que dão sentido à minha vida, acontecem por ambos me perpassarem, sob a ótica de um estudante filho de retirantes. A escrita desta monografia começou desde antes da minha entrada na UFRJ. Ela já estava sendo escrita ao longo da minha vida. Na noite que antecedia o meu primeiro dia na UFRJ, eu estava vendo TV com minha mãe, quando ela passou a mão em meu cabelo e disse: “quem diria! Meu filho, universitário. Isso é coisa que só via na TV”, frase que incorporei como título da monografia. As palavras de minha mãe, naquela noite, ficaram ecoando em minha cabeça, até o dia em que eu, então, poderia registrá-las. Agora, compartilho aqui alguns dos encontros da vida com a Literatura.

Ao ler *Vidas secas*, de Graciliano Ramos, *Morte e vida Severina e Outros poemas em voz alta*, de João Cabral de Melo Neto, e *O quinze*, de Rachel de Queiroz, para minha mãe, pude perceber como três leituras aconteciam, durante a confecção deste trabalho. A primeira, a minha, que olhava criticamente os romances, a fim de destacar pontos relevantes para a monografia; a de minha mãe que, acostumada a ouvir os livros que leio, comparava um pouco das histórias lidas com a sua vida; e, por fim, a nossa leitura conjunta, dando-se pelo encontro das vivências sertanejas de minha mãe e o meu conhecimento acadêmico, porém, ambos através das memórias construídas pelo nosso laço familiar.

Como bem retrata Petit (2009), ao falar dos relatos de alguns jovens cujos pais são oriundos de meios rurais analfabetos, como é o meu caso, através da leitura para minha mãe — que foi minha mediadora, ao me introduzir no mundo das letras, apesar de apresentar dificuldades nesse saber —, consegui conjugar os universos culturais que me compõem, aproximando-me da minha família, e entender as razões que fazem com que meus pais sejam como são. A gratidão que sinto por eles e a compreensão das realidades deles foram possíveis pelo retorno aos clássicos, que contam suas histórias, podendo ser o meu viver chamado *o filho dos clássicos*. Assim, a diminuição do abismo entre nossas vidas, criado pelos estudos, pela literatura, ao trilharmos caminhos diferentes, dá-se pelos encontros, pelo diálogo, compartilhando o que descubro e aprendo, retornando o investimento dos meus pais para eles (PETIT, 2009, p. 94). Do mesmo modo, minha mãe, orgulhosa e contente de aprender também, conta para as suas irmãs o que tem aprendido nos livros e até diz que comprará outros para que eu leia mais vezes para ela.

Em relação a esta questão tão importante e tão difícil, é preciso ressaltar que por meio da leitura, [...] alguns [jovens] fazem descobertas graças às quais o fato de serem originários de duas culturas é sentido mais como uma riqueza e menos como um sofrimento. Aceitam e articulam os diversos momentos de sua história, assimilam uma parte de sua cultura de origem [...]. Reconhecem o país de origem, a cultura de origem, como algo que faz parte de sua história [...]. (PETIT, 2009, p. 96)

As ricas descobertas de que Petit (2009) fala pude ver, quando, por exemplo, minha mãe explicava o vocabulário dos clássicos, por usá-lo na vida sertaneja que teve comumente, ou rememorava alguns acontecimentos, durante a leitura. Era uma surpresa ver minha mãe, diretamente, dialogar com os clássicos e nivelar-se a eles. Em *Vidas secas*, mencionam-se as quengas (= cascas) de coco que, para minha mãe também, eram uma brincadeira de crianças: ao calçá-las, imaginavam serem cascos de cavalo; a égua alazã do menino mais novo era equivalente a um bode que ela montava exalava um cheiro desagradável; a Baleia, uma cachorra da família para Fabiano, tinha o mesmo nome que um de minha mãe; o rosário de sabugo de milho, a “tramela” (como minha mãe fala) e os costumes que sinha Vitória não sabia por que executava, mas seguia, eram elementos também do dia a dia de minha mãe, como as superstições para curar doenças.

Como minha mãe bem falou: “quem não lê, não vê tudo no mundo”, ao se referir à facilidade de se ser enganado por não saber falar, não saber se defender. As pessoas que liam as cartas no Nordeste poderiam dizer o que quisessem, pois poucos sabiam ler e escrever. Lá, minha mãe cresceu em terras alheias, semelhantemente a Fabiano e sua família. Todavia, com a educação fornecida por minha avó, assemelhando-se à Conceição com *suas ideias*, usando batom e bermuda, cortando o cabelo quando bem queria, foi capaz de fazer todos os colchões de espumas dos filhos para não dormirem mais em junco. “Doidice. Não dizia nada para não contrariá-la, mas sabia que era doidice. Cambembes podiam ter luxo?” (RAMOS, 2016, p. 23). Diferentemente de sinha Vitória, minha vó mesma fez o sonho realizar-se, o que estimulou minha mãe a ser parecida com ela e conquistar a sua cama futuramente (“Sonhar é poder. Eu nunca achei que fosse conseguir ter um móvel de madeira”, Severina Selma da Silva).

Severina Selma da Silva, tal como a sinha Vitória, “era atilada”. A relação de meus pais, embora tenham sido criados em um ambiente sem palavras, sendo punidos ao passarem no meio da conversa de adultos (“Fabiano condenou a interrupção, achou que o procedimento do filho revelava falta de respeito e estirou o braço para castigá-lo”, RAMOS, 2016, p. 64), foi construída pela comunicação, sempre conversando a respeito das dúvidas da vida (“[Fabiano] precisava consultar sinha Vitória, combinar a viagem, livrar-se das arrições,

explicar-se, convencer-se de que não praticara injustiça matando a cachorra. [...] Sinha Vitória pensaria como ele”, RAMOS, 2016, p. 116). Ao longo da leitura, pensando em voz alta quanto a algumas possíveis conexões, ouço minha mãe afirmar: “você enxerga com o conhecimento”. Confesso não ter entendido a que ela se referia até ela se explicar com uma de suas lembranças.

Era comum as pessoas trocarem cartas, mas pedirem para os poucos que sabiam ler, lerem. Você entende? Para alguns eram vários rabiscos, a pessoa que estava lendo, podia até mentir, enganar aquele que queria saber o que estava escrito. Enxergar com o conhecimento é ver algo e já saber o que é, já poder pensar sobre aquilo.

No penúltimo capítulo de *Vidas secas*, “O mundo coberto de penas”, vendo a penúria de água que sobrava para o gado, conforme as aves de arribação sugavam as últimas gotas antes de migrarem para outras regiões, sinha Vitória fizera uma observação, que aparece dentro do pensamento de Fabiano, que é o refletor da passagem.

O sol chupava os poços, e aquelas excomungadas levavam o resto da água, queriam matar o gado.

Sinha Vitória falou assim, mas Fabiano resmungou, franziu a testa, achando a frase extravagante. Aves matarem bois e cabras, que lembrança! Olhou a mulher desconfiado, achou que ela estivesse variando. [...] Um bicho de penas matar o gado! Provavelmente sinha Vitória não estava regulando.

Fabiano estirou o beijo e enrugou mais a testa suada: impossível compreender a intenção da mulher. Não atinava. Um bicho tão pequeno! Achou a coisa obscura e desistiu de aprofundá-la.

[...]

Como era que sinha Vitória tinha dito? A frase dela tornou ao espírito de Fabiano e logo a significação apareceu. As arribações bebiam a água. Bem. O gado curtia sede e morria. Muito bem. As arribações matavam o gado. Estava certo. Matutando, a gente via que era assim, mas sinha Vitória largava tiradas embaraçosas. Agora Fabiano percebia o que ela queria dizer. Esqueceu a infelicidade próxima, riu-se encantado com a esperteza de sinha Vitória. Uma pessoa como aquela valia ouro. Tinha ideias, sim senhor, tinha muita coisa no miolo. Nas situações difíceis encontrava saída. Então, descobrir que as arribações matavam o gado! E matavam. Àquela hora o mulungu do bebedouro, sem folhas e sem flores, uma garrancharia pelada, enfeitava-se de penas. (RAMOS, 2016, pp. 109-110)

Fabiano precisou decompor o pensamento de sinha Vitória em várias etapas para alcançar a sua sutileza e o seu sentido. A fala de minha mãe também exprime o resultado complexo de uma série de constatações sagazes, cuja sequência ela “pula”, chegando logo à conclusão final. Surpreendi-me com a esperteza dela! Para usar as palavras de Fabiano, ela também tem “muita coisa no miolo” e “vale ouro”! Minha mãe prova a sua fina inteligência com essas “tiradas embaraçosas” e comprova que inteligência lúcida, viva e prática não tem necessariamente a ver com instrução formal e teórica.



Entretanto, a vida de meus pais, na cidade grande, como retirantes, fugindo da vida severina (“aquela vida que é menos/ vivida que defendida,/ e é ainda mais severina/ para o homem que retira”, NETO, 1978, p. 82), na presença de estranhos, sem a família (“— Assim... Quem não tem pai nem mãe, como eu, pra todo o mundo é estranho...”, QUEIROZ, 2008, p. 55), tendo que aprender o nome do que já conhecia (“Tive de aprender as mesmas coisas com outros nomes”, Severina Selma da Silva), ainda trazia resquícios da seca (“o eterno sopro da seca”, QUEIROZ, 2008, p. 119). Vejo em meus pais o *amor seco* que os criou. Essa seca que os compõe e marca suas vidas mantém-se para além da região do Nordeste, “educando” os retirantes a se calarem quando o patrão fala para não perderem seus empregos, por pensarem em suas famílias, sabendo que serão substituídos quando o patrão quisesse, e aceitando as descomposturas e abusos de autoridade dos que vigiam seus trabalhos, esperando um deslize para demiti-los (“[...] o proprietário descompunha o vaqueiro. Natural. Descompunha porque podia descompor, e Fabiano ouvia as descomposturas com o chapéu de couro debaixo do braço, [...] o amo só queria mostrar autoridade, gritar que era dono. Quem tinha dúvida?”, RAMOS, 2016, p. 23). Tal como Fabiano, meu pai viveu sempre com medo de, em toda reunião anual dos moradores, ser mandado embora (“estariam sempre assustados, pensando na seca”, RAMOS, 2016, p. 121). A manutenção da seca, da sina, vem pelo silenciamento das palavras, forçando o homem a ser bicho, apenas trabalhando.

Assim, o amor seco, que me educou, com o pouco que tinha (“a pessoa lá é pobre de tudo”, Severina Selma da Silva), não era como o da TV. Minha mãe reflete sobre o carinho em sua vida sertaneja – “como se pode chegar a ponto de abraçar, vivendo nessa realidade?” –, sabendo que não conseguiria suplantar a forma como foi criada e também criou seus filhos. O amor seco não abraça, ele aconselha; não beija, alimenta; não diz que ama, cuida. Foi difícil entender o que era o amor de meus pais e entender como ele se dava, porém, compreendendo o Nordeste que viveram, pude ver o quanto são carinhosos da sua maneira. Mesmo após a morte de meu pai, timidamente e sem falar para ninguém, vejo que todos os dias minha mãe manda mensagem de “eu te amo” para ele. “Eu tenho de tentar continuar vivendo bem de todas as maneiras”, diz minha mãe ao pensar em tudo o que conquistou graças a meu pai. Na “homenagem” que fiz no dia do velório de meu pai, contei, aos que ali se encontravam, um pouco sobre a sua história e sobre o bem-te-vi que, em seus últimos dias de vida, Osano falava que o acordava todos os dias com o seu canto. Meu pai, que se arrumava para as entrevistas desta monografia (“As botinas e o colarinho eram indispensáveis. Não poderia assistir à novena calçado em alpercatas, a camisa de algodão

aberta, mostrando o peito cabeludo. Seria desrespeito”, RAMOS, 2016, p. 76), sempre gostou de estar perto da natureza, e vê-la, aproximando-se dele nos momentos finais, é como se o Nordeste que ainda habita nele o buscasse ou o saudasse, religando-se às suas origens.

— Viverás, e para sempre,/ na terra que aqui aforas :/ e terás enfim tua roça./ — Aí ficarás para sempre,/ livre do sol e da chuva,/ criando tuas saúvas./ — Agora trabalharás/ só para ti, não a meias,/ como antes em terra alheia./ — Trabalharás uma terra/ da qual, além de senhor,/ serás homem de eito e trator./ — Trabalhando nessa terra,/ tu sozinho tudo empreitas :/ serás semente, adubo, colheita./ — Trabalharás numa terra/ que também te abriga e te veste :/ embora com o brim do Nordeste. (NETO, 1978, p. 91)

O nome de minha mãe, comum ao de tantos outros retirantes e à vida nordestina em geral, e a busca de meu pai por melhores condições, através do êxodo rural, são muito similares aos romances clássicos. Sabendo trabalhar apenas com a terra, que tudo dava, são, de certa forma, “brutos” como Fabiano:

Era bruto, sim senhor, nunca havia aprendido, não sabia explicar-se. Que mal fazia a brutalidade dele? Vivia trabalhando como um escravo. [...] Tinha culpa de ser bruto? Quem tinha culpa? (RAMOS, 2016. p. 35)

Minha mãe, tendo vergonha de comer na frente de meu pai por não saber usar talher, guarda analogia com o capítulo “Festa”, de *Vidas secas*, em que Fabiano se sente desconfortável com a roupa e sinha Vitória se atrapalha com os saltos. Com o ensino defasado da terra natal, a situação de minha mãe, apresentando dificuldades em conseguir uma educação melhor, ainda que fosse interesse de sua patroa, também se aproxima do universo dos livros. Graciliano Ramos deixa claro que o próprio Fabiano atribui às palavras a capacidade de uma compreensão mais ampla da própria posição social. As situações embaraçosas pelas quais passou lhe ensinaram as consequências da privação do domínio da fala. A sua revolta por não ter tido o ensino adequado – “Tinha o direito de saber? Tinha? Não tinha” (RAMOS, 2016, p. 22) – revela que ele percebe que a linguagem é necessária para se defender, para evoluir (ALMEIDA, 1999, p. 305). A ingenuidade de minha mãe ao captar a malícia da menina que a difamava também é vista em Fabiano: “Por que seria que seu Inácio botava água em tudo?” (RAMOS, 2016, p. 28).

“Se ele [Fabiano] soubesse falar como sinha Terta, procuraria serviço noutra fazenda, haveria de arranjar-se” (RAMOS, 2016, p. 98), é um pensamento que, ainda hoje, aparece no discurso de minha mãe. Apesar de privada do saber da escrita, curiosamente, conseguiu formar um filho em Letras. Como bem dizia Manoel de Barros de seu ofício (2020, p. 17), ele “era de profissão encantador de palavras”. Fabiano, mesmo sem instrução, admirava as palavras de Tomás da bolandeira:

Queria falar bonito, mas esqueço das palavras. A palavra não aparece, falta adjetivo. Saber falar bem; saber usar a palavra. Quando ele [menino mais velho que jogava futebol] viu que o que ele ia falar ia machucar o outro [menino mais novo que jogava com ele], ele disse: ‘você não joga forte’, logo se corrigiu, mas ele ia falar ‘você não joga bem’.

Novamente, minha mãe consegue articular um momento do que se passava à nossa volta com o que eu lia de *Vidas secas*. Havia meninos jogando bola, na quadra, quando ela viu a situação acima. Contudo, como dominariam a palavra se até o *papel de jornal* (NETO, 1978, p. 109) não existia, somente papel marrom de embrulho, sem palavras, e, para meu pai, cartilhas?

Transpondo a condição que lhes era imposta, consumada a metamorfose de *bicho* para *homem*, eles conseguiram se fixar em uma terra, onde não havia mais escassez de comida, sem precisar se mudar pela fome (“Agora Fabiano era vaqueiro, e ninguém o tiraria dali. Aparecera como um bicho, entocara-se como um bicho, mas criara raízes, estava plantado”, RAMOS, 2016, p. 19). O sonho, força motriz de esperança para sobreviver e viver uma vida digna, foi o responsável pela realização de toda essa história que findou com a sina de sofrimento e dominar a palavra.

Ainda tencionava correr mundo, ver terras, conhecer gente importante como seu Tomás da bolandeira. Era uma sorte ruim, mas Fabiano desejava brigar com ela, sentir-se com força para brigar com ela e vencê-la. Não queria morrer. Estava escondido no mato como tatu. Duro, lerdo como tatu. Mas um dia sairia da toca, andaria com a cabeça levantada, seria homem. (RAMOS, 2016, p. 24)

Conquistada essa nova condição tão almejada, os filhos de Osano José de Araújo e Severina Selma da Silva, que são Allan Silva de Araújo e Samara Silva de Araújo Sobreira, não “precisavam ser duros, virar tatus” (RAMOS, 2016, p. 25). O “filho do porteiro”, como eu era chamado pelos moradores, que sequer perguntavam o meu nome, como também os filhos de Fabiano que não têm os nomes revelados, agora pode registrá-lo aqui, não precisando mais ouvir que meu amigo do prédio não poderia almoçar na minha casa por eu ser pobre (“Livres daquele perigo, os meninos poderiam falar, perguntar, encher-se de caprichos”, RAMOS, 2016, p. 25).

Ainda não sei como o futuro, incerto, será, mas, como meus pais, concluo uma nova etapa em minha vida. “Se quer mesmo que lhe diga./ É difícil defender./ só com palavras, a vida,/ ainda mais quando ela é/ esta que vê, severina ;/ mas se responder não pude/ à pergunta que fazia,/ ela, a vida, a respondeu/ com sua presença viva”, NETO, 1978, p. 115). A passagem mostra a vida que surge, minha e de minha irmã, por exemplo, presenças vivas, nas

histórias de meus pais. Semelhantemente a sinha Vitória e Fabiano que imaginam uma vida boa para seus filhos, meus pais fizeram o mesmo, dando asas aos nossos sonhos.

Pouco a pouco uma vida nova, ainda confusa, se foi esboçando. Acomodar-se-iam num sítio pequeno, o que parecia difícil a Fabiano, criado solto no mato. Cultivavam um pedaço de terra. Mudar-se-iam depois para uma cidade, e os meninos frequentariam escolas, seriam diferentes deles.

[...]

As palavras de sinha Vitória encontravam-no. Iriam para diante, alcançariam uma terra desconhecida. Fabiano estava contente e acreditava nessa terra, porque não sabia como ela era nem onde era. Repetia docilmente as palavras de sinha Vitória murmurava porque tinha confiança nele. E andavam sempre para o sul, metidos naquele sonho. Uma cidade grande, cheia de pessoas fortes. Os meninos em escolas, aprendendo coisas difíceis e necessárias. [...] Chegariam a uma terra desconhecida e civilizada, ficariam presos nela. (RAMOS, 2016, pp. 127-128)

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim como a história de muitos retirantes é contada pela seca, a de meus pais não foi diferente. A sina, que sela seus destinos, fazendo com que vivam em terras alheias, trabalhem desde cedo, passem por humilhações, não tenham o domínio da palavra e da percepção da vida à sua volta, cria um ser bruto. Somente sendo bruto, assimilando-se aos animais, capaz de suportar períodos longos de fome, vivendo isoladamente em seu mundo interior, comunicando-se apenas por olhares e seguindo os costumes que via nos mais velhos, sem questionar, da forma como também seus pais fizeram, é que se consegue sobreviver à vida severina.

Aqueles que, por ventura, conseguem romper com a sina precisam criar asas, ir além da condição que lhes foi imposta, de bicho, para *tornar-se homem*. Essa metamorfose não é fácil e ocorre quando é compreendida a realidade que age em ciclo, de “mudança e fuga”. O sonho gera a força necessária para continuar a lutar a cada dia pela vida, e por uma vida melhor. *Tornar-se homem* não é um caminho fácil. Enfrentar o destino, jogar-se em um futuro incerto, além de sua terra natal, buscando romper com toda a vida de sofrimento, só terá sucesso quando se domina a palavra, podendo defender-se da seca real e da seca simbólica que há nas pessoas.

É com a palavra, com a escrita, que Severino, Conceição e Fabiano tornaram-se personagens de clássicos da Literatura, atravessando as barreiras do tempo. Agora, perante esse encontro da realidade com a ficção, com essa mesma palavra, indo além das últimas páginas, contando o que acontece ao cruzar o mar, eu eternizo e elevo a história de Osano José de Araújo e Severina Selma da Silva, personagens reais, superando a sina de sofrimento e indo ao encontro do *vencimento*, para encerrar com o neologismo de minha mãe.

## 6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, José Maurício Gomes de. “Graciliano Ramos e o romance do sertão”. In: \_\_\_\_\_. *A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999, pp. 284-312.

BARROS, Manoel de. *Gramática expositiva do chão*. 2. ed. Lisboa: Leya, 2020, pp. 9-23.

NETO, João Cabral de Melo; *Graciliano Ramos*. Disponível em: <<https://www.escritas.org/pt/t/11507/graciliano-ramos>>. Acesso em: 27 dez. 2022.

NETO, João Cabral de Melo. *Morte e vida severina e outros poemas em voz alta*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1978.

PETIT, Michèle. “Conjugar as relações de inclusão”. In: \_\_\_\_\_. *Os jovens e a leitura: Uma nova perspectiva*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2009. pp. 93-101.

QUEIROZ, Rachel de. *O Quinze*. 85. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2008.

RAMOS, Graciliano. *Vidas secas*. 131. ed. Rio de Janeiro: Record, 2016.

SECCHIN, Antônio Carlos. *João Cabral: A Poesia do Menos e outros ensaios cabralinos: Do concreto ao concreto*. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. pp. 107-117.

## 7. APÊNDICE

### HOMENAGEM

Em muitos momentos da minha vida, eu me imaginei falando para uma multidão, mas nunca pensei que seria prestando uma homenagem a você. Eu sei que muitos aqui o conheceram como amigo e parente, mas eu e a minha irmã fomos os únicos que tivemos o privilégio de ser chamados de filhos. Hoje, eu vou contar um pouco do Osano que vocês conheceram, mas vou contar um pouco do meu pai.

Nascido em Pernambuco, oriundo de Orobó, meu pai trabalhou desde cedo na roça, mas sempre com o sonho de ter uma vida melhor na cidade grande. Completando a maioridade, a história dele foi como a de todo retirante. Sem eira nem beira, mas com um sonho. E foi aqui, em meio a tantas lutas e desafios, a ponto de dormir em uma lixeira de prédio que conheceu a minha mãe e, sendo o primeiro namorado dela, viveram juntos esses 36 anos.

Meu pai, com toda certeza, sabia ser um pai. Ele tinha o sonho de trabalhar como técnico, até concluiu o curso, mas, com os planos de ter filhos, ele teve de abrir mão dos próprios sonhos para que eu e a minha irmã pudéssemos ter os nossos, na Tijuca. Ele sempre cuidou muito de mim e eu te prometo que vou cuidar muito da nossa família.

Nessa semana, tudo foi muito corrido. Em um dia, eu me despedia de você, e você estava sorrindo, dizendo que tudo ficaria bem. Logo depois, fomos chamados para nos despedirmos, mas eu me pergunto se você me ouviu, enquanto eu falava que te amava. Mas, independente de você ter me ouvido, eu sei que você já sabia disso.

Hoje foi a primeira vez que o bem-te-vi lá da quadra cantou e você não ouviu, o dia estava bonito. Deus me deu a palavra e é com ela que eu finalizo dizendo que eu vou te amar e cuidar da nossa família como você fez. Como formando da UFRJ, fico feliz de saber que, apesar de você não poder me ver formado, quando passar na linha vermelha, sempre que eu olhar pela janela, vou me lembrar de você, e você poderá me ver crescendo.